

SEMÂNTICA É DIVERTIDO:

PREDICADOS DE GOSTO PESSOAL E SUAS DIFERENTES
ABORDAGENS NA SEMÂNTICA FORMAL

21ª Jornada de Letras
Universidade Federal de São Carlos
Marina Nishimoto Marques*
20-11-2017

* e-mail: mnmarques94@gmail.com

APRESENTANDO OS PREDICADOS DE GOSTO PESSOAL

PARTE I

INTRODUÇÃO

O que estuda a semântica?

A semântica é a parte da linguística que estuda o significado.

Mas o que é “significado”?

A palavra “significado” parece ser usada para descrever situações muito diferentes:

- “Qual é o significado de mesa?”
- “Qual o significado dessa sua atitude?”
- “Qual o significado deste livro?”
- “Qual é o significado da vida?”
- “O que significa aquela fumaça?”

(PIRES DE OLIVEIRA, 2012)

O QUE É “SIGNIFICADO”?

É necessário que haja uma definição precisa do que é significado para que se construa uma teoria semântica. Cada teoria semântica vai ter sua definição de significado.

Para a semântica formal

Para a semântica formal, saber o significado de uma sentença é saber suas condições de verdade no mundo, ou seja, saber como o mundo precisa se configurar para que a sentença proferida seja verdadeira.

Ex. “Tíbio e Perônio são cientistas.”

Essa sentença será verdadeira em um mundo que:

- (a) Existe Tíbio.
- (b) Existe Perônio.
- (c) A profissão deles é cientista.

E SENTENÇAS QUE EXPRESSAM OPINIÕES OU GOSTOS?

Em “Context dependence, disagreement, and predicates of personal taste” (2005), Peter Lasersohn vai chamar atenção para frases como:

- (1) Montanhas-russas são divertidas.
- (2) Esse chili é gostoso.

Quais são as condições de verdade dessas sentenças?

UMA SAÍDA INTUITIVA

Uma saída intuitiva para esse problema seria relativizar as sentenças para quem as proferiu:

- (1) Montanhas-russas são divertidas
= (3) Montanhas-russas são divertidas **para mim**.
- (2) Esse chili é gostoso
= (4) Esse chili é gostoso **para mim**.

No entanto, não é possível fazer isso, pois as sentenças (1) e (2) não podem ser usadas nos mesmos contextos que as sentenças (3) e (4), ou seja, não podem ser a mesma sentença.

UMA SAÍDA INTUITIVA?

Diálogo 1

Tuco Rock é divertido.
Lineu Não, rock não é divertido.

Diálogo 2

Tuco Rock é divertido para mim.
Lineu ?? Não, rock não é divertido para mim.

A discordância de Lineu no diálogo em 1 funciona bem, mas em 2 sua fala não parece ser uma sentença coerente.

POSSÍVEIS ABORDAGENS QUE TRATAM DOS PREDICADOS DE GOSTO

PARTE II

ABORDAGEM RELATIVISTA

Lasersohn (2005), Stephenson (2007): sentenças como (1) e (2) **devem ser relativizadas a um indivíduo cujo gosto será levado em consideração para julgar se a sentença será verdadeira ou falsa.**

Isso se dá através da adição do **juiz** como um parâmetro que será dado pelo contexto. A sentença funcionaria, simplificando bastante, como uma sentença que contém uma palavra como “eu”:

(5) Biba: **Eu** estou aqui.

eu
= agente do contexto
= Biba

(6) Nino: Esse bolo é **gostoso**.

gostoso para j
= gostoso para o juiz do contexto
= gostoso para Nino

(7) Pedro: (vendo o gato comer a ração) Essa ração é **gostosa**.

gostosa para j
= gostosa para o juiz do contexto
= gostosa para o gato

ABORDAGEM RELATIVISTA

Formalização

$$[[\text{gostoso}]]^{w,t,j} = [\lambda x_e . [\lambda y_e . y \text{ é gostoso para } x \text{ em } w \text{ e } t]]$$

Paráfrase da fórmula

Gostoso é um predicado de dois lugares: x é gostoso para y , onde x é o objeto caracterizado como gostoso e y é o juiz da sentença.

Grosso modo, isso significa dizer

Esse bolo é gostoso = Esse bolo é gostoso *para o juiz*.

ABORDAGEM CONTEXTUALISTA

Pearson (2013): quando alguém profere uma sentença como (1) e (2), o que a pessoa faz é **propor um contexto no qual estão incluídas as pessoas que concordam com o gosto dela** (ou seja, concordam que a montanha-russa é divertida ou que o chili é gostoso). A pessoa, quando discorda e nega a sentença (i.e. “Não, esse chili não é gostoso”), está se excluindo do contexto proposto pelo falante.

Isso se dá através da adição de um **operador genérico (GEN)** que vai quantificar o predicado de gosto para um indivíduo genérico/pessoas no geral. O predicado de gosto seria paralelo a predicados como *alto*, que são inerentes ao indivíduo caracterizado:

(8) Nino está **doente**.

Nino não está sempre doente, se trata de uma propriedade passageira.

(9) Nino é GEN **alto**.

Não importa se Nino está dormindo, comendo, morto, vivo, ele é sempre (ou seja, genericamente) alto.

(10) Esse bolo é GEN **gostoso**.

Assim como Nino é genericamente alto, o bolo é genericamente gostoso, isso é, gostoso não importa quem o coma.

ABORDAGEM CONTEXTUALISTA

Formalização

$$[[\text{Esse bolo é gostoso}]]^w = \lambda w \lambda y . \forall x \forall w' [\text{Acc}(w,w') \& C_3(\text{esse bolo},x,w') \& I(y,x)] \\ [\text{gostoso}(\text{esse bolo},x,w')]$$

Paráfrase da fórmula

“Esse bolo é gostoso” será verdadeiro se para todo x e para todo w' , tal que,

- | | | |
|-------|--|----------------------------------|
| (i) | w' é acessível de w | ($\text{Acc}(w,w')$) |
| (ii) | esse bolo, x e w' são relevantes no contexto | ($C_3(\text{esse bolo},x,w')$) |
| (iii) | y se identifica com x | ($I(y,x)$) |
- o bolo é gostoso para x em w' .

Grosso modo, isso significa dizer

Esse bolo é gostoso = Esse bolo é gostoso *para pessoas no geral com quem eu me identifico.*

ABORDAGEM EXPRESSIVA

Gutzmann (2016): sentenças como (1) e (2) são analisadas em duas dimensões:

- (i) uma vericondicional, que fala sobre suas condições de verdade no mundo,
- (ii) uma uso-condicional, que fala se a sentença funciona em determinado contexto.

Para entender melhor isso, podemos comparar duas sentenças. (11) é analisada num nível vericondicional e (12) é analisada num nível uso-condicional (Gutzmann, 2016):

(11) ₁ "A neve é branca"
₂ é **verdadeiro**
₃ se e somente se a neve é branca.

(12) ₁ "Oops!"
₂ é **usado com felicidade**
₃ se e somente se o falante observou um pequeno erro

ABORDAGEM EXPRESSIVA

Embora (11) e (12) sejam analisadas cada uma em apenas uma dimensão, para Gutzmann (2016), existem expressões na língua natural que devem ser analisadas em ambas as dimensões (veri- e uso-condicional), como (13). PGP's funcionam da mesma forma (cf. (14)).

(13) Aquele **cretino do** Kaplan foi promovido.

(14) Tom: Tofu é **gostoso**.

Dimensão vericondicional:

(14) é **verdadeiro** se tofu é gostoso para Tom.

Dimensão uso-condicional:

(14) é **usado com felicidade** se tofu conta como gostoso no contexto.

Dimensão vericondicional:

(13) é **verdadeiro** se Kaplan foi promovido.

Dimensão uso-condicional:

(13) é **usado com felicidade** se o falante do contexto não gosta de Kaplan.

ABORDAGEM EXPRESSIVA

Formalização

$[[\text{gostoso}]]^{t,w,c} = \lambda x . x \text{ é gostoso para o juiz de } c \text{ em } w.$

$[[\text{gostoso}]]^{u,w,c} = \lambda x . x \text{ conta como gostoso em } c.$

Paráfrase da fórmula

“Tofu é gostoso” é verdadeiro em c e w se o juiz de c gosta de tofu em c_w e é feliz se tofu conta como gostoso em c .

Grosso modo, isso significa dizer

Esse bolo é gostoso

= (i) Esse bolo tem a propriedade de ser gostoso para o juiz do contexto.

= (ii) Esse bolo conta como gostoso no contexto proposto.

REFERÊNCIAS

GUTZMANN, D. (2016) If expressivism is fun, go for it! Towards an expressive account of predicates of personal taste. In: VAN WIJNBERGEN-HUITINK, J.; MEIER, C. (org.). **Subjective meaning: alternatives to relativism**. Berlim: De Gruyter, p. 21-46.

LASERSOHN, P. (2005) Context dependence, disagreement, and predicates of personal taste. **Linguistics and Philosophy**, v. 28, p. 643-686.

PEARSON, H. (2013) A judge-free semantics for predicates of personal taste. **Journal of Semantics**, v. 30, p. 103-154.

PIRES DE OLIVEIRA, R. (2012) Semântica. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, volume 2. 8. ed. São Paulo: Cortez.

STEPHENSON, T. (2007) **Towards a theory of subjective meaning**. Tese - Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology.